

ANIMAIS DE COMPANHIA**P-283****HIPERTERMIA MALIGNA EM CÃO ANESTESIADO COM ISOFLUORANO: RELATO DE CASO**

Vivian Fernanda Barbosa¹; Ana Paula Goes Coelho²; Talita dos Santos Lima³; Carlos Hiroshi Duarte Iwassa³

¹Prof. Departamento de Anatomia, Patologia e Clínicas da UFBA, ²Aluna da União Metropolitana de Educação e Cultura (UNIME), ³Residente em Anestesiologia Veterinária da UNIME, ⁴Médico Veterinário Anestesiologista.

A hipertermia Maligna (HM) é uma afecção farmacogenética de caráter hereditário caracterizada como uma síndrome hipermetabólica do músculo esquelético induzida por anestésicos inalatórios halogenados ou relaxantes musculares despolarizantes, resultando em contrações musculares contínuas e consequente produção de dióxido de carbono (CO₂), ácido lático e calor. Em animais, é considerada rara, de gravidade progressiva, com diagnóstico preciso difícil e expressividade clínica de início repentino após a exposição ao anestésico, podendo permanecer por horas findada a inalação. Foi atendida no hospital veterinário da União Metropolitana para o Desenvolvimento da Educação e Cultura uma cadela golden retriever, com seis anos de idade e 25 kg, atropelada há dois dias, hígida nas avaliações hematológica e bioquímicas hepática e renal, com diagnóstico tomográfico de subluxação vertebral torácica, sendo destinada à laminectomia dorsal com estabilização. A paciente foi previamente medicada com morfina (0,5 mg/kg IM) e acepromazina (0,03 mg/kg IM), procedendo-se a indução anestésica com propofol (4,7 mg/kg IV) e a manutenção com isofluorano, em oxigênio a 100%. O animal foi estabilizado em plano 3 do estagio III, segundo Guedel e permaneceu sem qualquer fonte externa de calor, em ventilação espontânea, com padrão e frequência respiratórios estáveis. Ao longo de duas horas e trinta minutos foram observadas manifestações clínicas sugestivas de HM com aumento progressivo, ultrapassando os valores referenciais, dos seguintes parâmetros: frequência cardíaca (FC), temperatura esofágica (T°C) e pressão parcial de CO₂ expirado (ETCO₂), porém, sem alteração da pressão arterial (PA). O decréscimo e posterior estabilização dos parâmetros alterados só foram alcançados após interrupção do fornecimento do halogenado e resfriamento ativo externo da paciente. O reconhecimento da síndrome por meio das variáveis avaliadas, bem como, a interrupção do fornecimento do isofluorano e o resfriamento foram eficazes e suficientes para o restabelecimento clínico do animal.

Palavras-chave: anestesia, cães, halogenado, temperatura.

ANIMAIS DE COMPANHIA**P-284****HISTIOCITOSE CUTÂNEA – RELATO DE CASO**

Mariana Dalla Palma; Bianca Silva Medeiros; Heloísa Helena de Alcântara Barcellos; Veridiane da Rosa Gomes; Gisandra de Fátima Stangherlin; Carlos Eduardo Bortolini

Foi atendido no Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo um canino, fêmea, 11 anos, SRD, 10,5 kg apresentando nódulos cutâneos ulcerados. Alguns já haviam sido removidos cirurgicamente em outro estabelecimento, apresentando recidivas em cerca de três meses. O histopatológico sugeriu o diagnóstico de histiocitoma cutâneo e dermatite actínica secundária. Ao exame físico não foram encontradas alterações relevantes, exceto linfadenomegalia submandibular bilateral. Porém, foram visualizadas lesões nodulares em forma de botão, coloração rósea, firmes, não aderidas e ulceradas, com secreção

micropurulenta em região lombar, torácica, membro anterior, pavilhão auricular, conduto auditivo externo e língua. Os exames complementares incluíram: citologia aspirativa com agulha fina, cultura e antibiograma da secreção das lesões, hemograma e bioquímica sérica. A citologia sugeriu inflamação piogranulomatosa séptica, e na cultura houve crescimento de colônias mistas de *Staphylococcus epidermitis* e *Staphylococcus aureus*. Nos exames sanguíneos não foram visualizadas alterações. Inicialmente foi instituída a antibioticoterapia com cefalexina (30mg/kg PO BID), prednisona (2mg/kg PO SID) e omeprazol (1mg/kg PO SID). Na reavaliação em 15 dias as lesões não apresentavam mais secreção, porém ainda estavam ulceradas. A terapia antimicrobiana foi interrompida e a dose da prednisona foi reduzida (1mg/kg PO SID). Foi acrescentado azatioprina (2,5 mg/kg PO SID) e o uso tópico de betametasona TID. Após 20 dias, não ocorreu melhora do quadro clínico, optando-se pela exérese dos nódulos após descarte de possíveis metástases através de radiografia torácica e ecografia abdominal. Os nódulos foram encaminhados para histopatologia caracterizando histiocitose cutânea. No momento da remoção dos pontos a paciente já apresentava novos nódulos nas fissuras labiais. Fora orientado a necessidade de quimioterapia, porém o responsável já não demonstrava mais interesse em prosseguir o tratamento. O mesmo não retornou mais para atendimento. Seis meses após o procedimento cirúrgico, o proprietário ressaltou que a paciente havia vindo a óbito em três meses, sendo diagnosticado em outro local com inúmeras neoplasias abdominais. Mesmo sendo uma enfermidade raramente invasiva e metastática, quando presente nessa forma, o prognóstico é desfavorável, não existindo opções terapêuticas satisfatórias.

ANIMAIS DE COMPANHIA**P-285****INFLUÊNCIA DA TÉCNICA CIRÚRGICA NA SOBREVIDA, INTERVALO LIVRE DE DOENÇA E SURGIMENTO DE NOVAS LESÕES EM CÃES COM TUMORES MAMÁRIOS**

Rodrigo dos Santos Horta; Gleidice Eunice Lavalle; Larissa Layara de Moura; Mariana de Pádua Costa; Fernanda Camargo Nunes; Roberto Baracat de Araújo

O presente trabalho avaliou a influência da abordagem cirúrgica, na sobrevida, intervalo livre de doença e de surgimento de novas lesões em cães com tumores mamários tratados de acordo com os fatores prognósticos estabelecidos na literatura. Para tanto, 143 cadelas, não castradas, foram submetidas à cirurgia para o tratamento de tumores mamários com o procedimento cirúrgico mais simples e menos invasivo necessário, sendo lumpectomia (P1), mastectomia simples (P2), mastectomia regional sem envolvimento da mama abdominal cranial (P3), mastectomia regional com envolvimento da mama abdominal cranial (P4) e mastectomia radical unilateral (P5). Os pacientes foram acompanhados por um período médio de 739,5 dias. Das 143 cadelas, apenas 33 (24,8%) desenvolveram novos tumores no tecido mamário remanescente. Não houve diferença no surgimento de tumores ipsilaterais e contralaterais quando as técnicas cirúrgicas foram comparadas. Durante a realização deste estudo, apenas quinze, dos 33 animais que desenvolveram novas lesões no tecido mamário remanescente após a primeira exérese tumoral, foram submetidos à nova cirurgia, mas não houve correlação entre as lesões e em apenas cinco (33,3%) cadelas foi observado o mesmo tipo histológico nas duas cirurgias. Nenhum dos pacientes submetidos à lumpectomia e mastectomia simples veio à óbito por motivo da doença ou desenvolveu sinais da doença durante o estudo. Houve maior sobrevida ($p < 0,03$) e maior intervalo livre de doença ($p < 0,05$) nos pacientes dos grupos P1 e P2, quando comparados com P5. Esse

resultado pode estar relacionado ao estadiamento mais avançado dos pacientes submetidos à mastectomia radical (P5). O intervalo para o surgimento e desenvolvimento de novas lesões foi aleatório e não houve evidências de redução do aparecimento de novas lesões com a realização de técnicas cirúrgicas mais extensas. A técnica cirúrgica não influencia na sobrevida global, intervalo livre de doença e surgimento de novas lesões, contanto que sejam respeitados os princípios da cirurgia oncológica e os fatores prognósticos estabelecidos na literatura.

Palavras-chave: oncologia, cães, cirurgia, mastectomia.

ANIMAIS DE COMPANHIA

P-286

INFLUÊNCIA DOS ANIMAIS NA FORMAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES E SUA RELAÇÃO COM REAÇÕES DIANTE DA MORTE DE UM ANIMAL DE ESTIMAÇÃO

Ana Márcia Bezerra Rodrigues¹; Janalia Azevedo de Faria²; Francisco Leonardo da Costa Oliveira²; Sthenia Santos Albano Amóra³; Francisco Marlon Carneiro Feijó³; Nilza Dutra Alves³

¹Aluno de graduação do curso de Medicina Veterinária da UFERSA; ²Médico veterinário autônomo; ³Docente da UFERSA

A pesquisa foi realizada em 17 bairros do município de Mossoró, Rio Grande do Norte, aleatoriamente escolhidos. Os dados foram obtidos em um levantamento epidemiológico, onde os participantes foram abordados de maneira randômica, nos próprios domicílios. O único pré-requisito para o abordado participar da pesquisa era que fosse proprietário ou co-habitasse com o cão e/ou gato. O levantamento contemplou 223 domicílios da zona urbana de Mossoró, Rio Grande do Norte, onde foi aplicado em 201 casas o questionário tipo 1, e a outros 22 proprietários foi aplicado o questionário tipo 2. O questionário tipo 1 coletava informações do proprietário, tais como: dados dos proprietários (nome, estado civil, endereço, presença de crianças ou idosos na residência); dados relativos ao animal (espécie, nome, raça, idade, função); elementos acerca de alimentação, nutrição, higiene e saúde; temas ligados ao lazer e comportamento, e sobre o convívio social entre homem e animal (local onde o animal dorme e circula e liberdade em transitar pela casa, possibilidade do animal viajar com a família, reação diante da perda de um animal de estimação, importância de animais de estimação na formação de crianças e adolescentes) e como último item é sugerido ao entrevistado que classifique a relação entre a família e o animal. No questionário tipo 2 foi pedido que a criança existente na residência desenhasse em uma folha sem pauta, utilizando lápis de cor ou caneta, a imagem que este tinha de sua família. Nas casas que apresentavam crianças e adolescentes, a presença de cães foi determinante para o entrevistado classificar a influência como importante ($p < 0,05$), já nas casas com idosos a diferença entre os animais, cão ou gato, não interferiu na classificação ($p > 0,05$). A convivência com *pets* é saudável e necessária para que a criança desenvolva suas relações de afetividade, aprenda a tornar-se responsável e tenha aceitação e estímulo dos processos cognitivos. Os proprietários que residem com crianças ou adolescentes relatam que os animais exercem importante influência na formação dos jovens, com maior relevância para o cão.

Palavras-chave: convivência, cão, gato.

ANIMAIS DE COMPANHIA

P-287

INJEÇÃO INTRAMUSCULAR NA REGIÃO FEMORAL LATERAL EM CÃES SRD

Danilo José Ayres de Menezes¹; Ediane Freitas Rocha²; Ramon Tadeu Galvão Alves Rodrigues³; Cainã Ogum Gonçalves da Silva³

¹Professor do Curso de Medicina Veterinária da UFCG, ²Aluna de Iniciação Voluntária da UFCG, ³Alunos de Graduação em Medicina Veterinária da UFCG. E-mail: caina.goncalves@gmail.com

Objetivando desmistificar a injeção intramuscular na face lateral da região femoral, a qual, segundo alguns autores é uma técnica que pode levar a lesão do nervo isquiático, realizou-se o estudo anatômico da região femoral. Para tanto, foram utilizados dez cães SRD de diferentes portes, idade e sexo, fixados em solução de formaldeído a 10%. As projeções ósseas visíveis e palpáveis das regiões glútea, femoral e crural foram identificadas. As regiões destacadas foram dissecadas e os músculos e nervos da face lateral foram identificados. Com auxílio de seringa e agulha contendo corante, foram injetadas pequenas quantidades em diversos pontos da face lateral da região femoral, observando a proximidade dos pontos marcados, com o nervo isquiático. Considerando-se as projeções ósseas, por palpação, foram identificadas: na região glútea a crista ilíaca e o tuber isquiático, na região femoral o trocanter maior, o côndilo lateral do fêmur e a patela, e na região crural o côndilo lateral da tíbia, margem cranial da tíbia e cabeça da fíbula. Foi observado que o nervo isquiático projetava-se profundamente em uma linha imaginária traçada do trocanter maior do fêmur ao côndilo lateral da tíbia. Diante disso, a injeção intramuscular na região femoral lateral é segura, desde que efetuada no centro de uma linha imaginária traçada da tuberosidade isquiática ao côndilo lateral da tíbia.

Palavras-chave: ambulatório, nervo isquiático, anatomia.

ANIMAIS DE COMPANHIA

P-288

INSUFICIÊNCIA PANCREÁTICA EXÓCRINA EM UM CÃO SRD – RELATO DE CASO

Alysson Diniz de Santana¹; Sílvia Letícia Bomfim Barros²; Victor Fernando Santana Lima³; Melissa Silva Santos³; Maira Santos Severo⁴

¹Médico Veterinário da Clínica Veterinária Center Vet, Itabaiana, Sergipe, Brasil; ²Professora do Departamento de Medicina Veterinária da Faculdade Pio Décimo, Aracaju, Sergipe, Brasil; ³Estudante de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil; ⁴Professora do Departamento de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

O presente trabalho relatou um caso de Insuficiência Pancreática Exócrina (IPE) em um canino, macho, SRD, de seis anos, com peso de 17kg atendido na Clínica Veterinária Center Vet, localizada no município de Itabaiana/Sergipe. O paciente apresentava atrofia da musculatura esquelética, desidratação leve, pelos opacos, emagrecimento progressivo, polifagia, coprofagia, flatulência constante com odor fétido, fezes com alimentos não digeridos, aumentadas de volume e diarreicas. Após a avaliação clínica foram solicitados exames complementares para auxiliar no diagnóstico. O hemograma apresentou discreta trombocitose (PPT 8,4 g/dL) e monocitose relativa (12%) e a bioquímica sérica, diminuição da enzima lipase (14U/L). O teste da digestão do filme de raio-x mostrou a ausência das enzimas amilase e lipase, confirmando o quadro de IPE. Posteriormente, foi instituído o tratamento com suplementação diária de cápsulas de enzimas pancreáticas (Creon 25.000: 1 cáp. / BID–20 minutos antes das refeições, por